

Associações Culturais, o parente pobre da gestão cultural?...

Paulo Cunha (*)

É sabido que às Associações Culturais lhes está, indelevelmente, colado o epíteto "sem fins lucrativos". Assim sendo, quer sejam Colectividades de bairro, Associações pró-forma, Associações pró-familiares, Associações de filiados/pagantes ou Associações profissionais/profissionalizantes, a todas será aconselhada a não apresentação de relatórios anuais de contas com saldos (muito) positivos, sob pena de levantarem a suspeita de gestão lucrativa, logo danosa (?). Assim sendo, a cabimentação prevista para os planos anuais de actividades das Associações acaba por estar sujeita à apresentação de relatórios impolutos de, hipotético, mercantilismo... Inevitavelmente, dependentes do apoio de terceiros, acabam por ver a sua gestão perscrutada por quem tem o poder de sancionar ou indeferir a concessão do referido financiamento. E, mesmo assim, apesar da disponibilidade, voluntarismo e devoção dos dirigentes e associados destas colectividades, todo o seu futuro ficará sempre enredado e dependente das vontades de circunstância, disponibilidades casuísticas, flutuações económico/financeiras e imprevisibilidades conjunturais. Habitados a, com pouco, muito fazer, os actuais dirigentes associativos não estranharão aquilo que os gestores culturais de formação e profissão actualmente estão a sentir.

Sabendo-os dependentes de poderes vários, compreenderão que, num ápice, directores, chefes de divisão, programadores, produtores e outros gestores ver-se-ão constrangidos ao cumprimento minucioso das linhas orientadoras emanadas pelas entidades empregadoras e tutelares. De nada servirá projectar culturalmente o futuro com inebriantes lembranças do passado, pois a constante dinâmica dos mercados financeiros obriga qualquer interventor cultural a ter que descontinuar, reformular, recriar e até, reinventar. A dita "crise" assim o dita!... É com base neste paradigma que auguro para o tecido cultural algarvio, uma profícua colaboração entre gestores culturais associativos e gestores ligados a organismos institucionais. Desta simbiose todos poderão vir a ganhar e, em última análise, ganhará toda uma faixa da população sedenta de sustentabilidade e continuidade nas políticas culturais em detrimento do efémero das animações sazonais. Atempadamente agendadas e devidamente protocoladas, estas trocas de sinergias poderão dar a garantia e condições necessárias às Associações Culturais da merecida implementação do seu trabalho, bem como o aproveitamento por parte das Instituições Públicas e Privadas da capacidade empreendedora, agregadora e criativa das mesmas. São por demais evidentes os benefícios de trabalhar em rede, que o digam os algarvios que, diariamente, usufruem e agradecem o facto de, há já algum tempo, se o fazer a sul. A par da tão desejável permuta global de conhecimento, torna-se imperioso, de forma concertada, programada e conseqüente, "apertar a rede" e, responsabilizar as Instituições e Associações pelo pulsar cultural desta região. Parcos em meios, ricos em criatividade!

(*) Associado da Música XXI, associado do Conservatório de Música de Olhão, associado do Cine Clube de Faro, associado da Associação de Guitarras do Algarve e associado do Conservatório Regional do Algarve. Sócio da AGEAL